




Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.452>

PAULO FREIRE: UM EDUCADOR AFROCENTRISTA?

PAULO FREIRE: AN AFROCENTRIST EDUCATOR?

Mariana Fernandes Brito (UFMA)¹

marybrito26@hotmail.com

Raimunda Nonata da Silva Machado (UFMA)²

raimunda.nsm@ufma.br

RESUMO: O estudo discute a educação fundamentada numa proposta de saberes da alfabetização afrocentrada, contribui para o agenciamento, pertencimento e afirmação da identidade afro-brasileira. Apresenta aproximações teóricas entre Molefi Kete Asante e Paulo Freire, educador popular brasileiro, quando trabalha a educação libertadora e transformadora do sujeito histórico valorizando e reconhecendo os elementos culturais africanos. Evidencia processos de alfabetização que afrocentra a própria língua oficial ao criar palavras em língua nacional (crioula) usando a ortografia portuguesa. Mostra a relevância dos Centros de Instrução Revolucionária (CIR) na formação de consciência acadêmica, política e crítica na emancipação de grupos, tendo a educação como elemento de transformação social, localizando afro-brasileiros e afrodiáspóricos no reposicionamento de sua ancestralidade reafrikanizada.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire. Educação Libertadora. Alfabetização Afrocentrada.

ABSTRACT: This paper discusses education based on a proposal of knowledge of Afro-centered literacy, contributing to the agency, belonging and affirmation of the Afro-Brazilian identity. It presents theoretical approximations between Molefi Kete Asante and Paulo Freire, Brazilian popular educator, when he works on the liberating and transforming education of the historical subject, valuing and recognizing African cultural elements. It shows literacy processes that afrocenters the official language itself by creating words in the national language (Creole) using Portuguese orthography. It shows the relevance of Revolutionary Instruction Centers (CIR) in the formation of academic, political and critical awareness in the emancipation of groups, with education as an element of social transformation, situating Afro-Brazilians and Afro-diasporics in the repositioning of their reafrikanized ancestry.

KEYWORDS: Paulo Freire. Liberating Education. Afrocentric Literacy.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: marybrito26@hotmail.com

² Doutora em Educação (UFPI). Docente do Departamento de Educação II e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Educação das Relações Étnico-Raciais e de Gênero (NEPERGE Olùkó) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkó/UFMA), São Luís-MA/Brasil. Integrante do Núcleo Roda Griô: Gênero, Educação e Afrodescendência (RODA GRIÓ/GEAfró/UFPI), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina-PI/Brasil. E-mail: raimunda.nsm@ufma.br / mafroeduc.ccs@ufma.br / neperge@ufma.br.



1 INTRODUÇÃO

Este artigo, propõe apresentar estudos realizados durante a pesquisa de mestrado por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão (PPGE/UFMA). Na ocasião fizemos imersão em epistemologias afrocentradas dialogando com saberes pedagógicos, especialmente, no campo da alfabetização política e cultural, a partir de oficinas Ubuntu³, promovidas pelo MAfroEduc Olùkó⁴.

As oficinas ubuntu incentivaram reflexões sobre as maneiras pelas quais aprendemos com experiências revolucionárias construídas, por projetos de descolonização, em Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), os lusófonos como: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Além disso, destaca possíveis aproximações entre afrocentricidade e a educação libertadora e engajada freiriana.

Os estudos coadunam e contribuem com a superação da colonialidade epistêmica (um dos objetivos específicos a serem contemplados na dissertação) no tocante às possibilidades de uso de uma pedagogia engajada na construção e formação de novos olhares sobre do corpo e sexualidade da mulher afro-brasileira, a partir de narrativas afrocentradas, a exemplo da obra: Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves que apresenta uma cosmovisão africana sobre a mulher afro-brasileira através da história de Kehinde, nascida no reino do Daomé.

³ Filosofia africana, presente na cultura de alguns grupos que habitam a África Sulaariana (não Subsaariana), cujo significado se refere a humanidade com os outros. Trata-se de um conceito amplo sobre a **essência do ser humano e a forma como se comporta em sociedade**. Para os africanos, ubuntu é a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o outro, uma ideia semelhante à do “amor ao próximo”. Ubuntu significa ainda generosidade, solidariedade, compaixão com os necessitados e o desejo sincero de felicidade e harmonia entre os seres humanos.

⁴ Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Afrocentrada (MAfroEduc Olùkó), coordenado pela professora Dr^a. Raimunda Nonata da Silva Machado e o professor Dr. Ângelo Rodrigo Bianchini.



Em *A África ensinando a gente*, Freire (2011), nos convida, inspira e incentiva a aprender sobre nossa ancestralidade africana, nossa continuidade histórica de além-mar. Nos faz indagar sobre a África presente em nossa brasilidade. Foi este educador que inspirou bell Hooks (2013) a desenvolver a pedagogia engajada, além de transbordar para outros campos do conhecimento, como o feminismo negro, criando e fortalecendo teorias e práticas educacionais.

2 PAULO FREIRE: UM EDUCADOR TRANSGRESSOR

Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são ‘essa gente’, ou são ‘nativos inferiores’? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa dos homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? (FREIRE, 2020 p.111)

O reconhecimento, às lutas, conquistas e vitórias do Patrono da Educação Brasileira (título sancionado em 2012, por meio da Lei nº 12.612 de 13 de abril de 2012), fez de Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) o educador brasileiro mais notável, lido e respeitado no mundo inteiro. Em vida e postumamente, Freire é condecorado com 48 títulos Doutor *Honoris Causa*⁵ e suas obras são reflexos do seu compromisso de vida como educador político. Qual foi o Brasil de Paulo Freire, e quem foi Paulo Freire para o Brasil?

Nas primeiras décadas do século XX tínhamos um país essencialmente rural, com índices de analfabetismo galopantes (cerca de 39% da população). Era necessário mudar este quadro, o Brasil estava no processo de “modernização”. A concepção de

⁵É o título mais importante concedido pela Universidade, aprovado em sessão do Conselho Universitário. Pode ser atribuído a personalidade eminente, nacional ou estrangeira, que tenha se destacado singularmente por sua contribuição à cultura, à educação ou à Humanidade.



alfabetização Freiriana de adultos, que adentra ao circuito brasileiro, deve ser entendida de acordo com as limitações históricas de suas construções.

Estávamos em 1960 e no nordeste brasileiro. Este é o seu ambiente histórico-político, na qual suas ideias se formaram e desenvolveram. Era necessário “dar-lhes a palavra, para que transitassem para a construção de um Brasil, dono de seu próprio destino, na superação do colonialismo” (GADOTTI, 2004 p. 32)

Suas experiências profissionais no Serviço Social da Indústria (SESI), instituição patronal assistencialista, nos anos de 1946, serviu de base dialógica com a classe trabalhadora, compreendendo a forma como estes apreendem o mundo por meio da linguagem (GADOTTI, 2004). Este foi o ponto de partida para o desenvolvimento e aperfeiçoamento em educação popular.

A experiência profissional de Paulo Freire foi edificada em diferentes espaços, modalidades educacionais e movimentos sociais. Como educador popular, passou a ser reverenciado a partir da exitosa experiência em Angicos, no interior do estado do Rio Grande do Norte, em 1963, ao alfabetizar 300 trabalhadores rurais em tempo recorde.

A experiência alfabetizadora mostrava-se promissora e norteia o então Plano Nacional de Alfabetização (governo João Goulart), sendo o educador popular encarregado de produzir pesquisas sobre a questão do analfabetismo no país. Foram criadas as Comissões Regionais de Cultura Popular, com a função de incentivar pesquisas nas áreas ligadas à cultura popular.

Movimentos culturais passaram a se multiplicar no país e mobilizaram lideranças tanto do mundo privado quanto da esfera pública (HADDAD, 2019). Seria uma onda daquilo que poderíamos chamar de movimentos de descolonização cultural no Brasil, por meio da leitura de mundo crítica e formação da consciência política.

O 1º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular e a criação de um programa extensivo de educação de adultos aconteceram nesse contexto eufórico de tentativas de descolonização cultural, que não logrou êxito. Todo projeto de experiência



revolucionário foi sucumbido pelo golpe militar em 1964, reprimindo toda mobilização já conquistada.

Paulo Freire foi acusado de ser um “criptocomunista encapuçado sob a forma de alfabetizador” (HADDAD, 2019). Foi assim descrito no inquérito policial militar comandado pelo tenente-coronel Hélio Ibiapina Lima. Com isso, foi considerado um fugitivo e seu método de alfabetização mais politizava do que alfabetizava. Preso duas vezes em Recife por, quase 70 dias, optou em buscar asilo na embaixada da Bolívia.

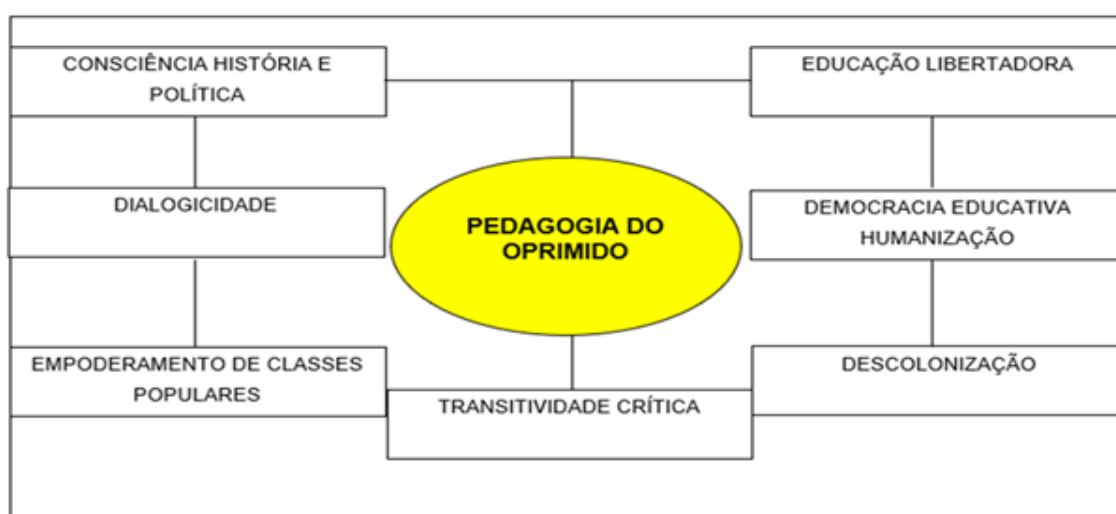
Junto ao golpe de 1964, e tendo sua metodologia dialógica considerada perigosamente subversiva pelo regime militar, veio o exílio, iniciado na Bolívia. Considerado “subversivo internacional” (GADOTTI, 2004 p. 53), cumpriu seu degredo por 15 anos, e neste interim, o autor escreveu seus livros, fundamentou sua filosofia e seguiu desenvolvendo projetos voltados para a educação em diversos países. Dentre eles: Bolívia, Chile, Suíça, E.U.A.

No que se refere aos países africanos lusófonos, colaborou principalmente com as colônias portuguesas que, na década de 1970, lutavam por sua independência: Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Guiné-Bissau. Projeto político e pedagógico que o tornou reconhecido mundialmente e que resultou na obra dialógica: “A África Ensinando a Gente: Angola e Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, de Paulo Freire e Sérgio Guimarães, nos instigando com as palavras de Amílcar Cabral: “aprendam da vida, do povo, dos livros, aprendam com a experiência dos outros. Mas nunca parem de aprender” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 34).

As suas obras têm, como foco centralizador, o ser humano em sua totalidade. Defende uma pedagogia que possa frear os efeitos perversos da subalternidade e corrobora com a criação de lugares/movimentos de resistência no Brasil (MOTA NETO, 2016). Com isso, dá ênfase a conteúdos centrados nos sujeitos que estão produzindo ação educativa, sendo essa preocupação com o processo educacional, registrada, sobretudo,

em Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2020), cujos conceitos, apresentados no Diagrama 1, consistiam sempre em partir dos níveis e das compreensões dos/as educandos/as.

DIAGRAMA 1 – Mapa conceitual da Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2020)



Fonte: Produzido pelas autoras, 2021.

A subversão de Freire, com a Pedagogia do Oprimido, propõe uma educação capaz de promover a conscientização do sujeito acerca da exploração de classe, dos preconceitos e discriminações racial e de gênero, pois, para ele, Freire, “haverá importância maior que conviver com os oprimidos, com os esfarrapados do mundo, com os “condenados da terra” (FREIRE, 2020, p. 179). Essa atitude revolucionária está aliada ao diálogo democrático!

Parte dessa essência implica compreensão do ser humano como sujeito de sua própria história, que se emancipa e trabalha no sentido de superar toda e qualquer situação de violência como atentado à vida, pois, “no processo opressor, as elites vivem da “morte em vida” dos oprimidos” (FREIRE, 2020, p. 179), sustentadas por necropolíticas que são:




Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.452>

“o estado de exceção e a relação de inimizade que se tornaram a base normativa do direito de matar” (MBEMBE, 2019).

A ótica libertadora faz parte do ato de se humanizar. A educação como ato contra hegemônico é forma de resistir as estratégias de colonialidade. Desse modo, argumenta contra toda e qualquer forma de discriminação.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 1996, p. 36)

Por esta razão, os estudos de Freire são importantes contribuições para o pensamento mundial. Foi capaz de pensar uma pedagogia a partir do subalternizado, da dominação vivida e da resistência empreendida pelas pessoas em situação de opressão, ou pelos condenados da terra, expressão usada por Frantz Fanon (1925-1961).

Políticas de educação, na perspectiva freireana podem produzir renovação nas relações da tríade cultura-sociedade-educação, a partir de uma pedagogia que, em seu entrelaçamento pelas experiências dos/as condenados/as da terra, alcançam uma educação libertadora, capaz de contribuir com a restituição da humanidade roubada pela opressão/dominação. Tem, portanto, seu caráter eminentemente político, pedagógico e epistêmico, fornecendo aparato emancipatório, de conscientização crítica para sujeitos subalternizados na lógica moderna/colonial.



3 PAULO FREIRE NO DEBATE (PÓS)COLONIAL AFRICANO

“Um povo sela a sua libertação na medida em que ele reconquista a sua palavra” [...] "este reaprendizado que a África me oferece" (FREIRE, 2011, p. 37 e 58)

A educação libertadora, dialógica, humanizada e democrática desenvolvida por Freire advoga em favor das pessoas que foram arbitrariamente e criminosamente, expostas em situação de opressão e subalternização, tornando-as menos favorecidas e com pouco ou nenhum prestígio sociocultural.

A potencialidade e presencialidade na história por meio da educação, cujo mecanismo pode oportunizar transgressão às convenções hegemônicas e neutraliza as possibilidades opressoras, promovendo a expansão de movimentos revolucionários de resistência à toda e qualquer forma de opressão que estruturam a sociedade por diferentes dimensões: classe, raça, gênero, sexualidade, geração, intolerância religiosa, regionalidade, dentre outras.

A experiência desenvolvida por Paulo Freire, em regiões do continente africano de língua oficial portuguesa, colocou em funcionamento a sua proposta descolonizadora, contribuindo, sobremaneira, no processo educacional e alfabetizador, com impacto diretamente na descolonização ou libertação mental e no processo de reafirmação da diáspora lusófona no próprio território africano.

O projeto de alfabetização auxiliou e contribuiu significativamente com as lutas por libertação. Visitou Zâmbia, Tanzânia, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Cabo Verde. Reuniu-se com o Movimento Popular de Libertação da Angola (MPLA), a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), orientando programas de alfabetização de adultos na Guiné-Bissau, Tanzânia e Angola (HADDAD, 2019).




Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.452>

Em *Cartas à Guiné Bissau, registros de uma experiência em processo*, Freire (1978) exalta o empenho da população local em se libertar do colonizador português. As cartas enviadas por ele aos educadores de Guiné Bissau tinham por objetivo, dialogar e auxiliar na promoção da alfabetização da população guineense. Este trabalho foi muito significativo, pois, neste período, o autor revisa e reelabora muitos de seus pensamentos que nunca tinham sido trabalhados ao longo da sua obra.

Em diálogo com militantes engajados no debate da reconstrução da África lusófona, aproximou-se dos estudos de Frantz Fanon (1925-1961) e do líder de Guiné, Amílcar Cabral (1924-1973), um exímio estudioso de Antônio Gramsci. E assim, juntos, uniram-se em torno do propósito político educacional de descolonização dos países da África lusófona.

Guiné-Bissau possuía um arcabouço cultural e histórico, porém, não tinham materiais/recursos, pois assim deixaram os colonizadores, quando já derrotados política e militarmente, abandonaram-na após o legado de problemas e de descaso resultantes do colonialismo. O país chegou à independência, em 1975, com 93,7% de analfabetos e analfabetas; e, em 490 anos, de “1471 até 1961, apenas se formaram catorze guineenses com curso superior e onze no nível do ensino técnico” (FREIRE e GUIMARÃES, 2011, p. 18).

Não nos era estranha, de modo algum, a luta em que o povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde, sob a liderança extraordinária de Amílcar Cabral e de seus camaradas do PAIGC, se tinha empenhado para a expulsão do colonizador português. Sabíamos o que havia significado essa luta, enquanto forjadora da consciência política de grande parte do povo, bem como da de sua liderança, e enquanto também um dos fundamentais fatores que explicam o 25 de Abril em Portugal. (FREIRE, 1978 p. 10)

A partir da obra “*A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*” de Sérgio Guimaraes e Paulo Freire, produzimos 8 (oito) oficinas que nomeamos de Ubuntu, tendo por base cada capítulo da obra, visando o debate da localização de estudos afrocentrados em Paulo Freire, conforme Figura a seguir:



	<h2>Web - Revista SOCIODIALETO</h2>
	<p>Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU</p>
	<p>ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022</p>
	<p>Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire: Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades</p>
	<p> http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.452</p>

Figura 1 – Flyer da Oficina Ubuntu: A África Ensinando a Gente



UBUNTU: A ÁFRICA ENSINANDO A GENTE	
15 DE ABRIL	"ESTE REAPRENDIZADO QUE A ÁFRICA ME OFERECE" ALEXIA TOMASIA FERREIRA CAVALCANTE
29 DE ABRIL	"PRATICAR PARA APRENDER": CAMINHOS DE SÃO TOMÉ VITORIA RAYSSA HOLANDA DA SILVA
10 DE JUNHO	O PROCESSO? EXTRAORDINÁRIO, MAS "SIMPLEMENTE, HOUVE UMA RUPTURA" ROSIANE SILVERIA RODRIGUES VELOSO AMORIM
24 DE JUNHO	SÃO-TOMENSE LEVE-LEVE? "A MUDANÇA TEM DE SER GERAL!" TERCÍLIA MARIA DA CRUZ SILVA
1 DE JULHO	"O IDEAL PERDEU-SE. É UMA CATÁSTROFE!" THAYS COELHO FRANÇA
22 DE JULHO	APOSTAR NA EDUCAÇÃO, "MAIS CEDO OU MAIS TARDE" GLAUCIA SANTANA SILVA PADILHA
5 DE AGOSTO	ANGOLA? UMA VISÃO POLÍTICA COMPLETAMENTE DIFERENTE WALQUIRIA COSTA PEREIRA
19 DE AGOSTO	"TIVEMOS QUE CONSTRUIR A PARTIR DA PRIMEIRA PEDRA" SORAIA LIMA RIBEIRO DE SOUSA

ENCONTROS PELO MEET | ÀS 17H | COM CERTIFICAÇÃO

Fonte: www.mafroeduc.com

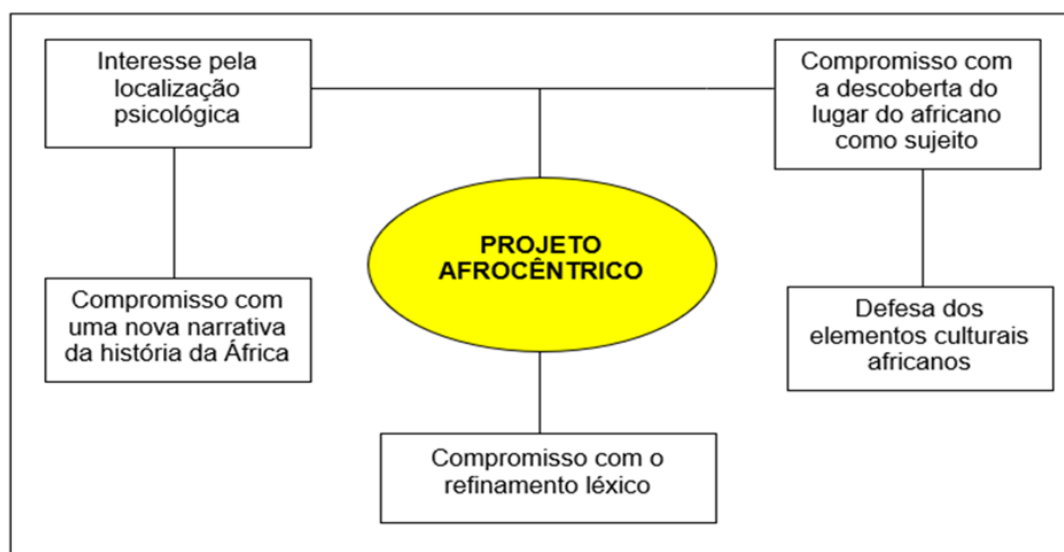
Nessas oficinas vimos em Paulo Freire (2011) a perspectiva da Afrocentricidade de Molefe Kete Asante (2009), em funcionamento, sobretudo no que diz respeito ao agenciamento afrocentrista como capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana.

Constatamos o apoio de Paulo Freire e uso de seu projeto de alfabetização nos Centros de Instrução Revolucionária (CIR), criando condições de educação que visava letramento em matemática e na língua oficial (português) e nas línguas nacionais (instrução primária acadêmica), bem como a formação política e militar (instrução revolucionária).

Não era possível fazer o ensino da língua portuguesa nas zonas rurais do país. Eu estava dizendo, na hora do almoço, que eu assisti, em diferentes oportunidades, camponeses criando palavras a partir da palavra portuguesa. E eles, no fundo, estavam criando palavras em sua língua nacional, com a ortografia portuguesa, o que demonstrou, durante um ano todo, a impossibilidade do aprendizado em língua portuguesa, uma língua que não faz parte da prática social do povo, uma língua estrangeira. (FREIRE, GUIMARÃES, 2011, p. 42)

Tem-se uma base de organização e luta que sedimentava a libertação do oprimido e o seu reposicionamento como agente histórico, recriando a sua própria escrita/registro do mundo. O pensamento crítico empreendido coletivamente, tinha, portanto, fundamentos afrocentrados, conforme características apresentadas no Diagrama 2.

Diagrama 2 – Projeto Afrocêntrico



Fonte: Produzido pelas autoras com base em Asante (2009)

A educação, nos Centros de Instrução Revolucionária, diferentemente da escola colonial, alfabetizava politicamente para um compromisso com os elementos culturais africanos. O “processo de recentralizar esse povo criaria uma nova realidade e abriria um novo capítulo na libertação da mente dos africanos” (ASANTE, 2009, p. 94).

O projeto de alfabetização freiriana, ao dar ênfase na realidade do educando, propõe crítica e desmistificação do eurocentrismo em nações colonizadas. Contribui na reafricanização das mentalidades, produzindo práticas educativas afrocentradas ao lidar com os saberes locais, a exemplo da complexidade do uso da língua portuguesa oficial e da língua crioula nacional (no caso da Guiné-Bissau como instrumento de comunicação entre as diferentes etnias).

Como a realidade vai ensinando! Por exemplo, se eu estivesse escrevendo para o Brasil, sobretudo para educadores que estivessem




Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.452>

trabalhando com massas populares em centros urbanos, como São Paulo, eu teria sugerido que, ao abrir o livro, na introdução, o animador propusesse aos participantes do círculo que fizessem uma leitura silenciosa do texto e que, em seguida, cada um iria fazer a leitura em voz alta. Mas para a África, não. Inclusive a minha primeira tentativa foi essa. Imediatamente o lápis parou no caminho e refiz a trajetória. Na África, meu querido Sérgio, a gente está enfrentando uma cultura cuja memória — por n razões que não interessa aqui agora conversar — é auditiva, é oral, e não escrita. Então, antes da leitura silenciosa, numa cultura de memória oral, tem que fazer a leitura em voz alta, e a tarefa deve ser a do educador! O educador é que, na sua preparação, enquanto africano, deve fazer para ele a leitura em voz alta e, em seguida, também a leitura silenciosa do texto, na sua preparação, antes de ir para o círculo. Mas, chegando ao círculo, ele deve ler em voz alta, para todos, lentamente, enquanto os educandos vão acompanhando, vão olhando o texto. (FREIRE, GUIMARÃES, 2011, p. 72)

Dessa forma, a visão afrocentrada, de que todo conhecimento é emancipador, atravessa o projeto freiriano de leitura de mundo. Para Mota Neto (2016), a legitimidade de suas ações e seus discursos não parte de uma “universalidade abstrata” proposto pelo colonizador europeu (pretensão europeia em falar do mundo a partir de uma plataforma neutra) e sim da força da localidade e regionalidade.

4 COM FREIRE, CONTINUAMOS TRANSGREDINDO...

Quão importante foi, para mim, pisar pela primeira vez o chão africano e sentir-me nele como quem voltava e não como quem chegava [...] daquele momento em diante, as mais mínimas coisas – velhas conhecidas – começaram a falar a mim, de mim[...]a presença, entre as massas populares, da expressão de sua cultura que os colonizadores não conseguiram matar, por mais que se esforçassem para fazê-lo, tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava. Naturalmente, não foram apenas estes aspectos, para alguns puramente sentimentalistas, na verdade, contudo, muito mais do que isto, que me afetaram naquele encontro que era um reencontro comigo mesmo. (FREIRE, 1978 p. 9)




Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.452>

O trabalho de alfabetização de Paulo Freire e toda sua vivência em países lusófonos, do continente africano, pautado na realização de uma educação libertadora, nos aproxima de nossa ancestralidade africana, assim como na epígrafe que destas palavras finais, também nos perceber que somos mais africanas do que pensávamos!

O amefricano Paulo Freire sentia-se afetado pelo continente africano. Quando ele fala da relação entre oprimido e opressor, o autor convoca a ancestralidade africana reconhecida e que se manifesta em sua vida e permeia toda sua obra. Nesta propositiva, Freire parte de uma compreensão de que o Brasil é antes de tudo afrodescendente, marcado culturalmente pela África, para além de termos quantitativos e fenótipo. Se temos grande parte da população brasileira composta por afro-brasileiros e, se são estes os oprimidos, então, Freire é também, difusor desta consciência histórica e racial.

Quem seriam os esfarrapados, condenados e oprimidos da terra a quem Freire se refere? O legado Freireano permite-nos sustentar a esperança por novos olhares, fazendo-nos refletir sobre as feridas coloniais brasileiras, sobretudo, as que se referem ao racismo, repressão e exclusão da população afro-brasileira.

É com esta sensação de pertencimento, que se desenvolve a consciência de agência, capaz de reafricanizar os novos sujeitos gerados nessa perspectiva. Assim, a proposta pedagógica freiriana une-se ao paradigma afrocentrado, num (re)encontro deslocado pela diáspora e psicologicamente localizado no seu lugar social. Freire, um afrocentrista consciente!

REFERÊNCIAS

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.




Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.452>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/ São Paulo. 74ª. Ed. Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE Paulo e GUIMARAES Sérgio. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe / Paulo Freire, Sérgio Guimarães. — 2. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2ª ed.; São Paulo: Scipione, 2004.

HADDAD, Sergio. **Um educador**: um perfil de Paulo Freire. São Paulo Editora Todavia 2019

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1 edições, 2019.

MOTA Neto, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda- Curitiba: CRV, 2016).

Recebido em: 22/12/2021 | Aprovado em: 05/06/2022.
